

ENTRE NARRATIVAS, RELAÇÕES E SENTIDOS: FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA NARRATIVA

Adriana Barroso de Azevedo

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1993), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (1997) e doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2002), pós doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2015). Atualmente é professora titular no PPGE da Universidade Metodista de São Paulo. É pró-reitora de pós-graduação e pesquisa da UMESP e é diretora Nacional de Educação da Rede Metodista de Educação. Tem experiência na área de Educação, educação a distância, gestão do ensino superior.

Cristhiane Lopes Borrego

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo; especialista em Direito Civil pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas; graduada em Direito pelas Faculdades Metropolitanas Unidas. Possui sólida experiência na elaboração de conteúdos e de aulas para graduação e pós-graduação, no ensino presencial e EAD, nas áreas de Ética, Bioética, Cidadania e Inclusão. Advogada inscrita na OAB/SP, atuou no segmento empresarial na área de direito econômico. É docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo (PPGE-UMESP); professora no curso de Direito da UMESP.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar os fundamentos teórico-metodológicos da Pesquisa Narrativa, destacando sua contribuição para a produção do conhecimento no campo da Educação. A abordagem narrativa é compreendida como uma metodologia qualitativa que privilegia as experiências vividas, as histórias de vida e os significados atribuídos pelos sujeitos em seus contextos sociais, culturais e históricos. Ancorada nas contribuições de Clandinin e Connelly, inspirada na filosofia da experiência de John Dewey, a pesquisa narrativa concebe a experiência humana como contínua, relacional e situada, organizada no chamado espaço tridimensional da investigação: temporalidade, socialidade e lugar. O artigo discute ainda o caráter relacional, ético e colaborativo da metodologia, evidenciando o compromisso do pesquisador com as narrativas compartilhadas e a construção conjunta de sentidos. Articulada ao método hermenêutico, especialmente às perspectivas de Ricoeur e Gadamer, a pesquisa narrativa enfatiza a interpretação das subjetividades e a compreensão contextualizada dos fenômenos educacionais. Por fim, são apresentados estudos que ilustram a aplicação da pesquisa narrativa em diferentes contextos brasileiros, evidenciando seu potencial para compreender práticas pedagógicas, processos inclusivos, o uso de tecnologias digitais e dinâmicas escolares. Conclui-se que a pesquisa narrativa constitui uma abordagem ética e epistemologicamente consistente, capaz de produzir conhecimentos situados e socialmente relevantes.

Palavras-chave: pesquisa narrativa; metodologia qualitativa; experiência educativa; método interpretativo; hermenêutica.

INTRODUÇÃO

Há mais de uma década buscamos, como pesquisadoras da Educação, conhecer e aprofundar os conhecimentos em uma metodologia de pesquisa que pudesse trazer novos horizontes, novas perspectivas e respostas tanto para nós pesquisadoras quanto aos participantes de nossas pesquisas.

Essa busca nos propiciou chegar à Pesquisa Narrativa, através do contato da Profa. Adriana Azevedo com a saudosa Profa. Dra. Rosália Aragão, ambas haviam trabalhado juntas na Universidade Metodista de São Paulo por alguns anos. Mas em 2014 a Prof^a Rosália estava como docente na Universidade Federal do Pará.

Convidada pela Profa. Rosália, a participar de algumas bancas de qualificação e defesa de seus doutorandos, a Prof^a Adriana começou a se interessar fortemente pela metodologia utilizada naqueles trabalhos do Instituto de Ciência e Matemáticas da Universidade Federal do Pará.

Assim foi o início da jornada que nos traz até aqui. A Profa. Cristhiane entra no mestrado em Educação em 2019 e é uma das primeiras orientandas da Profa. Adriana a desenvolver sua dissertação integralmente situada na pesquisa narrativa, posteriormente sua tese de doutoramento aprofunda a abordagem metodológica. Autoras de vários artigos, buscamos ampliar e consolidar a pesquisa narrativa em território nacional, principalmente na área da Educação.

A pesquisa narrativa emerge como uma abordagem metodológica qualitativa particularmente adequada para projetos que buscam dar voz às experiências individuais e coletivas de comunidades. Fundamenta-se na ideia de que as narrativas — memórias, relatos de experiências — não são meras descrições neutras dos eventos vividos, mas construções sociais que expressam significados, identidades, percepções de mundo e dinâmicas culturais e históricas.

Nessa perspectiva, a contribuição de Azevedo e colaboradores também é significativa. Em estudo recente, Azevedo *et. al.* (2021) defendem a **pesquisa**

narrativa como “proposta metodológica de natureza qualitativa que busca compreender as experiências, uma vez que narrar é um ato intrínseco à atividade humana, inserindo-as em contextos de pesquisa científica.” Esse argumento reforça a dimensão humana, existencial e ética da narrativa: as vozes dos sujeitos não são meros dados, mas trajetórias, sentidos e significados que devem ser ouvidos e refletidos.

Portanto, este artigo visa apresentar de modo introdutório a pesquisa narrativa, que se configura como uma abordagem qualitativa que privilegia a experiência vivida e a história pessoal e seus sentidos como fontes legítimas de conhecimento social. Conforme argumentam Clandinin e Connelly (2011), **a narrativa é “o melhor modo de representar e entender a experiência”** porque permite captar a dimensão subjetiva e existencial da vida em suas múltiplas matizes.

Historicamente, a narrativa na pesquisa social ganhou força a partir da “virada narrativa” — quando estudiosos passaram a valorizar o conhecimento construído a partir das experiências vividas, em vez de privilegiar apenas dados objetivos e mensuráveis. Nesse sentido, a pesquisa narrativa assume que a vida das pessoas — individual e coletiva — é tecida por histórias, memórias e sentidos que precisam ser ouvidos e interpretados para compreender as complexidades da experiência humana.

D. Jean Clandinin e F. Michael Connelly são pesquisadores canadenses e os principais referenciais teórico-metodológicos da Pesquisa Narrativa no campo da pesquisa qualitativa, especialmente na educação e nas ciências sociais. Eles são reconhecidos internacionalmente como fundadores e sistematizadores da abordagem da *Narrative Inquiry* (Pesquisa Narrativa, como foi denominada no Brasil).

A obra seminal para a pesquisa narrativa é o livro “Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa”, publicado pela Universidade Federal de Uberlândia em 2011¹. Essa obra é uma das referências obrigatórias em pesquisas qualitativas narrativas na educação brasileira.

1 Tradução de *Narrative Inquiry - Experience and Story in Qualitative Research*, publicado pelo EDUFU, editora da Universidade Federal de Uberlândia. A 2ª edição revisada foi lançada em 2015 pela mesma editora.

Clandinin e Connelly (2011) fundamentam a Pesquisa Narrativa como abordagem científica, indo muito além do simples uso de histórias como técnica. Para eles e para nós também, a experiência humana é fundamentalmente narrativa. As pessoas vivem, contam, revivem e recontam suas experiências em forma de histórias. Portanto, pesquisar narrativamente significa investigar a experiência vivida por meio das histórias, compreendendo sentidos, trajetórias, identidades e contextos.

A base epistemológica da pesquisa narrativa é inspirada em **John Dewey** que conforme Clandinin e Connelly (2011, p. 85) **“fornece um esboço para pensarmos a experiência”**, entendendo-a como sendo contínua (passado, presente e futuro), interacional (pessoal e social) e situada no contexto (lugares específicos ou sequência de lugares).

Os autores propõem, portanto, que toda pesquisa narrativa se organiza em três dimensões: temporalidade – passado, presente e futuro; socialidade – dimensões pessoais e sociais; e lugar – contexto físico e institucional e esse modelo é conhecido como espaço tridimensional da Pesquisa Narrativa.

Segundo os pesquisadores canadenses, a investigação narrativa deve considerar o chamado **“espaço tridimensional”** da experiência — ou seja, pessoas, tempo (passado, presente, futuro) e lugar — como dimensões interligadas que dão forma e significado às histórias de vida. Dessa maneira, a narrativa não é apenas uma técnica, mas um modo epistemológico: investigar narrativamente implica reconhecer que a realidade social é construída, múltipla e carregada de sentidos.

As pessoas vivem histórias, suas experiências, e no contar dessas histórias os narradores reelaboram sentidos, buscam compreensão, fazem novas leituras do vivido, modificam-se e (re)criam histórias. Para Clandinin e Connelly (2011) essas narrativas vividas e contadas educam a nós mesmos e aos que as contam, contribuindo na formação daqueles que estão pesquisando, dos participantes das pesquisas e suas comunidades.

Clandinin e Connelly (2011) definem a narrativa como fenômeno e método². Narrativa como fenômeno: *as pessoas vivem narrativamente e essa é a base ontológica da Pesquisa Narrativa*. Eles partem da ideia de que os seres humanos organizam suas experiências em forma de histórias, ou seja, vivemos nossas vidas como narrativas em construção contínua, vivemos vidas narradas. Logo, a narrativa não é apenas uma forma de relatar fatos, mas a própria estrutura da experiência humana. Desta forma, as pessoas vivem narrativamente, isso é o fenômeno e o pesquisador investiga essas experiências por meio das narrativas e o uso de métodos adequados de investigação.

Para Clandinin e Connelly, a Pesquisa Narrativa é essencialmente relacional, pois não existe produção de conhecimento sem relação. Ser relacional significa que o pesquisador não é um sujeito neutro, que os participantes não são meros objetos de estudo e que o conhecimento é produzido na relação entre pesquisador e participantes. Portanto, na **Pesquisa Narrativa pesquisador e participantes constroem juntos os sentidos da experiência**. Assim, a narrativa não é simplesmente extraída, ou coletada como um dado de pesquisa, ao contrário, é negociada, interpretada e reconstruída no encontro entre as histórias de vida.

A Pesquisa Narrativa se ancora numa ontologia relacional, inspirada em John Dewey, segundo a qual a experiência humana é sempre interacional, situada e contínua. Desta forma, **o sujeito se constitui na relação com o mundo, com os outros e com sua própria história**. Por isso, a narrativa nasce da relação, se desenvolve na relação e retorna à relação.

Outra característica importante é que a narrativa não é apenas algo contado por alguém a outro, mas é um processo de construção conjunta baseado nas narrativas compartilhadas. **Uma investigação narrativa é processual e colaborativa**, pois o(a) pesquisador(a) e participantes constroem conjuntamente as histórias e seus significados. Exige caminhar ao lado do participante e isso significa que o pesquisador acompanha trajetórias, compartilha tem-

² Como veremos adiante, para nós pesquisadoras, a Pesquisa Narrativa é metodologia podendo o método científico variar de acordo com a perspectiva de pesquisa adotada.

pos, constrói vínculos e estabelece compromissos éticos. Trata-se de um engajamento relacional contínuo, não apenas de uma técnica de coleta de dados.

A postura do pesquisador narrativo, portanto, envolve responsabilidade com as histórias compartilhadas, cuidado com sua exposição, respeito às vulnerabilidades dos participantes, negociação constante de sentidos e compromisso com o outro. Nessa direção, o pesquisador não usa as histórias — ele se responsabiliza por elas.

Tudo que trazemos até este momento neste artigo, representa uma **ruptura com a pesquisa formalista**, pois ao contrário de métodos quantitativos que visam medir variáveis e generalizar resultados, a pesquisa narrativa privilegia o contexto, a singularidade e a subjetividade. Ela se preocupa em entender o que as pessoas fazem, sabem, pensam e sentem por meio de entrevistas narrativas, conversas hermenêuticas, escritos em diário de bordo e outros registros, sem pré-definir categorias restritas de análise.

A escolha da pesquisa narrativa para a educação apresenta vantagens significativas. Primeiro, permite dar protagonismo aos narradores participantes, valorizando suas vozes, trajetórias e subjetividades, muitas vezes invisibilizadas por abordagens tradicionais. Essa **centralidade da voz do participante** contribui para a construção de um conhecimento profundamente enraizado na realidade local, não apenas estatísticas ou indicadores abstraídos, mas vivências concretas, memórias, lutas, resistências e esperanças.

Além disso, por se tratar de uma metodologia interpretativa e contextual, a pesquisa narrativa favorece a compreensão das dinâmicas sociais, culturais e históricas que atravessam as comunidades — identidades, pertencimento, discriminação, mobilidade social, redes de solidariedade, transformações urbanas, memória coletiva. Dessa forma, torna-se um instrumento poderoso de documentação da história social da comunidade, contribuindo para a preservação da memória e para o empoderamento comunitário.

No plano epistemológico, a narrativa não é apenas técnica, mas **modo de conhecer e de construir sentido** — uma forma de dar conta do humano em

sua historicidade. Como afirmam Clandinin & Connelly, investigar narrativa-mente é abrir-se para a vida em sua densidade, considerando passado, presente e futuro, nas múltiplas dimensões sociais, culturais e espaciais. No plano epistemológico, a pesquisa narrativa está alinhada a paradigmas interpretativistas hermenêutico e construtivista que considera que a realidade social não é um dado estático e universal, mas é construída nas interações, nas práticas culturais, nos significados compartilhados e nas subjetividades. Isso exige do pesquisador não só técnicas de coleta (entrevistas, biografias, conversas, diários, documentos etc.), mas também, reconhecer seu lugar na pesquisa, as relações de poder, o impacto da presença do pesquisador no processo, e tratar os relatos com respeito e cuidado.

Do ponto de vista metodológico, os dados em pesquisa narrativa podem vir de múltiplas fontes: entrevistas em profundidade, relatos de vida, diários, cartas, fotografias, documentos pessoais ou comunitários, observações participantes, registros orais e escritos — o que permite construir uma imagem rica e multifacetada da realidade. A interpretação hermenêutica, por sua vez, pode incluir a reconstrução da trajetória de vida, a identificação de temas centrais, significados compartilhados, tensões, narrativas dominantes e contra-narrativas, possibilitando compreender como os sujeitos dão sentido à sua história, e como se inserem nas estruturas sociais.

Importante salientar que **a pesquisa narrativa não busca generalizações estatísticas** — seu valor está na profundidade, na densidade interpretativa e na ressonância simbólica e social dos relatos. Em contextos educacionais, esse enfoque pode revelar contradições, forças, resistências e potências da comunidade escolar de formas que métodos quantitativos dificilmente alcançam.

PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO COMO ENCONTRO DE NARRATIVAS

Na Pesquisa Narrativa, três narrativas se encontram para que a pesquisa possa ser concluída: a narrativa do participante da pesquisa, a narrativa do pesquisador e a narrativa construída no texto científico, que chamamos de texto de pesquisa que vem a ser o resultado do trabalho do pesquisador. Esse encontro produz novos sentidos, que não pertencem exclusivamente nem ao pesquisador e nem ao participante. Por isso, falamos em um conhecimento situado, relacional e interpretativo.

A Pesquisa Narrativa, pela sua constituição, propositura e o emprego de métodos qualitativos para realizar a investigação, se insere no movimento contemporâneo de crítica aos paradigmas positivistas e formalistas das ciências humanas e sociais. Para Clandinin e Connelly, a pesquisa narrativa reconfigura profundamente o modo de conceber ciência, conhecimento, sujeito, métodos científicos e verdade. Trata-se, portanto, de uma mudança paradigmática, não apenas metodológica.

A Pesquisa Narrativa rompe com esse paradigma ao afirmar que a experiência humana não pode ser compreendida por meio de modelos técnicos, fragmentados e objetivistas. Para Clandinin e Connelly (2011) **a vida humana é vivida narrativamente, e nesse sentido deve ser estudada narrativamente.** Assim, a como metodologia, a Pesquisa Narrativa rompe com o positivismo, pois não busca leis universais (uma única verdade); não pretende prever comportamentos e não procura generalizações estatísticas. O foco passa a ser o sentido da experiência, não sua mensuração. A pesquisa narrativa busca sim uma compreensão profunda da experiência singular.

O MÉTODO HERMENÊUTICO NA PESQUISA NARRATIVA

A epistemologia é um campo da filosofia que se dedica ao estudo do conhecimento, buscando compreender sua origem, natureza e limites. No contexto da pesquisa científica, toda metodologia está fundamentada em pressupostos epistemológicos que orientam a forma como o conhecimento é construído, validado e utilizado.

Nesse sentido, a pesquisa narrativa é uma abordagem metodológica que se propõe a compreender as experiências humanas a partir dos relatos de vida dos participantes, considerando os contextos históricos e socioculturais em que estão inseridos. Dessa forma, os sujeitos atribuem sentido às suas vivências ao relacioná-las às dimensões sociais, culturais e temporais. A narrativa, assim, não se limita à comunicação de fatos, mas constitui um modo de compreender e interpretar a realidade.

A construção da metodologia em uma investigação científica exige a definição de um método que oriente o percurso do pesquisador ao longo do estudo. No caso da pesquisa narrativa, esse percurso se articula à **abordagem hermenêutica**, especialmente à perspectiva de Ricoeur (2019), que compreende a linguagem como discurso e destaca a distinção entre os sistemas estruturais da língua e o uso concreto da fala. Para o autor, enquanto a língua pode ser analisada de forma sistemática, o discurso envolve múltiplas dimensões, como as sociais, históricas e filosóficas, ampliando as possibilidades de interpretação.

De modo complementar, a proposta **hermenêutica** de Gadamer (1999) também contribui para os estudos narrativos ao enfatizar a **importância do diálogo e da abertura ao outro**. Para o autor, **compreender implica escutar verdadeiramente o interlocutor**, considerar seus pontos de vista e buscar um entendimento compartilhado sobre o que está em questão, reconhecendo a legitimidade das diferentes interpretações.

Ao destacar o papel do sujeito na produção do conhecimento, a pesquisa narrativa se diferencia de metodologias voltadas à verificação de hipóteses. Essa abordagem **valoriza o contexto específico das experiências** e reconhece que as histórias narradas pelos participantes não são simples reflexos de uma realidade objetiva, mas construções permeadas por interpretações pessoais influenciadas por aspectos culturais, sociais e temporais.

Nesse sentido, a **subjetividade** passa a ser compreendida como **uma fonte legítima de conhecimento**, especialmente em contextos educacionais, nos quais as experiências de estudantes, professores e gestores são marcadas por trajetórias de vida, crenças e relações sociais.

A metodologia narrativa, portanto, possibilita uma compreensão mais ampla e situada dos fenômenos investigados, ultrapassando os limites de abordagens que privilegiam exclusivamente a objetividade e a quantificação. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que atribui centralidade às vozes dos participantes, permitindo interpretar como suas experiências são construídas e ressignificadas ao longo do tempo.

Desse modo, a epistemologia da pesquisa narrativa se aproxima das abordagens interpretativas, que compreendem o conhecimento como resultado da interação entre sujeito, experiência e contexto. Diferentemente das perspectivas objetivistas, essa metodologia reconhece que a experiência humana está inseparavelmente ligada às narrativas que os indivíduos constroem sobre si e sobre o mundo.

Assim, em vez de buscar descrever a realidade por meio de proposições fixas, o pesquisador narrativo concentra-se na interpretação das subjetividades e nos sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas vivências no contexto da investigação científica. Conforme destacam Clandinin e Connelly (2015), a narrativa constitui uma forma de pensamento e de comunicação, sendo **por meio das histórias que os indivíduos vivem e compreendem suas experiências**.

A Pesquisa Narrativa critica a ideia de que o rigor científico é igual a rigidez metodológica. Para Clandinin e Connelly (2011), **o rigor está na coerên-**

cia epistemológica, na profundidade interpretativa, na reflexividade e na consistência narrativa, não no formalismo técnico. Os autores problematizam a concepção moderna de ciência que identifica rigor com controle, padronização, objetividade e neutralidade, defendendo, em contraposição, um rigor epistemológico, relacional, interpretativo e ético.

O rigor técnico não dá conta da complexidade, da singularidade e da historicidade da experiência humana. **A vida é imprevisível, é relacional, é situada e atravessada por afetos, valores e memórias.** De tal forma que não pode ser plenamente apreendida por métodos de controle e padronização.

Importante destacar aqui que na educação, a crítica ao rigor técnico permite valorizar saberes docentes por vezes esquecidos ou não enxergados pela escola, legitimar narrativas profissionais, reconhecer trajetórias formativas e compreender contextos escolares reais. Isso rompe com modelos tecnicistas, instrumentais e burocráticos de formação.

A crítica ao rigor técnico dialoga profundamente com o pensamento educacional de Anísio Teixeira, especialmente nas obras *Educação para a Democracia* (1936), *A Educação e a Crise Brasileira* (1956) e *Pequena Introdução à Filosofia da Educação* (1959). Nesses textos, o autor denuncia a tecnocratização da educação e a submissão do ensino a lógicas instrumentais, administrativas e produtivistas, defendendo uma concepção humanista, democrática e experiencial da formação. Ao criticar a redução da escola a um aparato técnico, Anísio antecipa debates contemporâneos sobre a necessidade de superar modelos educacionais tecnicistas, aproximando-se epistemologicamente da proposta da Pesquisa Narrativa, que desloca o rigor científico do plano instrumental para o plano interpretativo, relacional e ético.

Desta forma, a adoção da pesquisa narrativa confere aos projetos uma dimensão ética e política: ao valorizar subjetividades, experiências individuais e coletivas, contribui para a construção de memória social, de empoderamento comunitário, de visibilidade e de protagonismo para moradores. Nessa lógica, **o conhecimento produzido se torna não apenas um instrumen-**

to de análise, mas também de transformação social — embasado nas vozes e nas histórias de quem habita os territórios, permitindo subsidiar ações concretas: projetos culturais, iniciativas de memória, políticas de inclusão, mobilização comunitária, intervenções sociais com base nas experiências e nas demandas reais das pessoas.

APLICAÇÃO DA PESQUISA NARRATIVA EM EDUCAÇÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Por se fundamentar em histórias de vida, a pesquisa narrativa constitui um campo fértil para a análise de fenômenos educacionais. A partir da coleta e interpretação das narrativas, os pesquisadores acessam não apenas os acontecimentos observáveis, mas também os sentidos, emoções e significados construídos pelos sujeitos em relação às suas experiências. A seguir, são apresentados estudos que ilustram a abordagem narrativa em distintos contextos educacionais, evidenciando seu potencial para aprofundar a compreensão de práticas pedagógicas, processos inclusivos e o uso de tecnologias no ensino.

A pesquisa narrativa tem contribuído para a compreensão das transformações das práticas docentes ao longo da formação profissional, evidenciando como experiências pessoais e institucionais influenciam o modo de ensinar.

(i) Narrativas de aprendizagem com tecnologias digitais na educação básica

Na tese de Moraes (2018), intitulada “RECURSOS DIGITAIS NA MATEMÁTICA: PRÁTICA DOCENTE NA PERSPECTIVA DE NARRATIVAS DISCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL”, a pesquisa narrativa analisou as experiências de alunos do ensino fundamental de uma escola pública de São Paulo com o uso de tecnologias digitais nas aulas de matemática. As narrativas evidenciaram maior engajamento dos estudantes, mas também desigualdades no acesso às ferramentas. Uma aluna afirmou: “Quando usamos os tablets nas aulas de matemática, eu me sinto mais envolvida e consigo aprender melhor, porque podemos ver os exemplos em tempo real e interagir com eles” (Moraes, 2018).

Os relatos docentes destacaram o papel da mediação pedagógica na integração das tecnologias, como expresso por um professor: “Minha maior preocupação era que os alunos ficassem mais interessados nas distrações oferecidas pelas plataformas do que no conteúdo. Mas, ao orientá-los e mediar o uso dessas ferramentas, percebi que elas podiam ser um recurso poderoso para facilitar o entendimento dos conceitos matemáticos” (Moraes, 2018).

(ii) A experiência de pessoas surdocegas no sistema educacional brasileiro

Na dissertação de Vilela (2018), intitulada “SURDOCEGOS E OS DESAFIOS NOS PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS: OS MEDIADORES E A TECNOLOGIA ASSISTIVA”, a pesquisa narrativa analisou experiências de estudantes surdocegos, mediadores e professores em programas de inclusão educacional, evidenciando barreiras institucionais e culturais. Os relatos apontaram a falta de recursos, de formação adequada e de preparo institucional, gerando sentimentos de exclusão, como expresso por um participante que afirmou sentir-se “invisível” nas atividades escolares.

Apesar das dificuldades, as narrativas revelaram estratégias de superação por meio do uso de tecnologias assistivas, além de contribuições para a formulação de políticas inclusivas. As falas dos mediadores destacaram seu papel central no processo de inclusão, mesmo diante de recursos limitados, como relatado por um deles: “muitas vezes, eu sinto que estamos lutando uma batalha perdida, pois o sistema não está preparado para os nossos alunos. Mas cada pequena vitória, cada momento em que eles conseguem aprender algo novo, vale a pena” (Vilela, 2018).

(iii) Trajetórias de professores em formação

Na dissertação de Gomes (2019), intitulada “METODOLOGIAS ATIVAS E TDIC NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO E O TRABALHO DOCENTE NO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM HOTELARIA”, foram analisadas narrativas de professores de cursos tecnológicos de curta duração que participaram de oficinas formativas voltadas ao uso de tecnologias digitais. Os relatos, registrados em diários de bordo, mostraram

resistências iniciais ao uso das TDIC, seguidas por um processo de ressignificação das práticas pedagógicas.

Um dos docentes relatou: “No início, eu sentia que o uso de tablets e plataformas digitais afastava os alunos da interação pessoal, mas, com o tempo, percebi que essas ferramentas, quando bem utilizadas, podem aproximar o aluno do conteúdo de maneira mais dinâmica” (Gomes, 2019).

As narrativas também destacaram a importância da reflexão crítica para a integração das tecnologias, como expresso por outro participante: “Percebi que, se eu não refletisse constantemente sobre o que estava funcionando e o que não estava, eu acabaria apenas repetindo os mesmos erros. A reflexão me permitiu ver a tecnologia como uma oportunidade, não como uma barreira” (Gomes, 2019).

Os resultados indicaram que a transformação pedagógica envolve tanto o desenvolvimento de habilidades técnicas quanto mudanças nas concepções docentes, sendo a pesquisa narrativa um instrumento relevante para compreender esse processo.

(iv) As narrativas no campo da justiça restaurativa

Na dissertação de mestrado intitulada “PERCEPÇÕES SOBRE A JUSTIÇA RESTAURATIVA SOB A ÓTICA DOS PARTICIPANTES ENVOLVIDOS: ESTUDO DE UMA ESCOLA DA BAIXADA SANTISTA”, Santos Filho (2019) adotou a pesquisa narrativa para analisar a implementação de práticas restaurativas em uma escola da cidade de Santos (SP). A partir dos relatos de professores e estudantes, o estudo evidenciou mudanças nas interações escolares, com o fortalecimento de relações pautadas no respeito e na colaboração. As narrativas mostraram que a justiça restaurativa impactou tanto os processos disciplinares quanto a dinâmica social da instituição.

(v) Narrativas formativas em cursos superiores de curta duração

Na dissertação intitulada “A FORMAÇÃO NOS CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA: UM ESTUDO DAS NARRATIVAS DISCENTES”, Borrego (2020)

investigou as trajetórias de estudantes ingressantes e concluintes dos cursos tecnológicos em eventos e gastronomia, analisando como suas experiências formativas foram reinterpretadas por meio das narrativas de aprendizagem. A pesquisa destacou a articulação entre fatores institucionais e vivências individuais, bem como os elementos motivacionais para o ingresso no ensino superior tecnológico e suas contribuições para os projetos profissionais dos estudantes.

DO DIÁLOGO TEÓRICO AOS SENTIDOS COMPARTILHADOS

Ao final deste artigo, esperamos que você leitor/pesquisador possa compreender com mais clareza que a Pesquisa Narrativa não se limita a um conjunto de técnicas metodológicas, mas representa uma postura epistemológica profunda: **uma forma de pesquisa que se engaja com as vidas das pessoas, suas vozes e trajetórias pessoais e coletivos**, cujas experiências têm sido historicamente silenciadas ou pouco representada. Isso significa deslocar o foco da mera descrição para uma compreensão relacional e ética das histórias vividas, em que cada narrativa é uma tessitura de sentido que ilumina fronteiras — entre o individual e o coletivo, o vivido e o interpretado, o particular e o socialmente relevante.

A articulação da perspectiva hermenêutica neste processo não apenas enriquece a análise interpretativa, mas também convida o leitor a reconhecer a **complexidade e a densidade dos mundos experienciados** por sujeitos em contextos educacionais e sociais. Esse deslocamento abre um espaço onde experiências singulares deixam de ser fragmentos isolados para se tornarem **contribuições epistemológicas situadas**, capazes de desafiar concepções dominantes e redesenhar horizontes de compreensão.

Nesse sentido, optar pela Pesquisa Narrativa é **reconhecer o poder transformador da narrativa**, pois ela não apenas registra trajetórias de vida, mas produz conhecimento que *significa* — que mobiliza sentidos, que nomeia desigualdades, que visibiliza silêncios e que, sobretudo, aponta para possibilidades de **empoderamento, justiça e transformações educativas e sociais** mais amplas. Esperamos que este artigo, então, não seja um ponto de

chegada, mas um convite a um conhecimento maior sobre a Pesquisa Narrativa, uma constante reflexão, diálogo e construção de saberes que deem voz às experiências contribuindo para a **construção de um conhecimento situado, plural e socialmente relevante** — capaz de apoiar transformações, visibilização e empoderamento.

REFERÊNCIAS

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa*. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2011.

AZEVEDO, A. B. et al. *Pesquisa narrativa: uma proposta metodológica a partir da experiência*. Revista Estudos Aplicados em Educação, v. 6, n. 12, p. 75-84, 2021.

BORREGO, CL. *A Formação nos Cursos Superiores de Tecnologia: um estudo das narrativas discentes*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 138 p., 2020. Disponível em <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2024>. Acesso em: 26 set 2021.

DEWEY, J. *Experiência e Educação* / tradução de Anísio Teixeira. Atualidades Pedagógicas, volume 131. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora Vozes, 1979.

GADAMER, HG. *Verdade e Método*; tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

GOMES, LF. *Metodologias Ativas e TDIC nas Práticas Pedagógicas: Um Olhar Sobre a Formação e o Trabalho Docente no Curso Superior de Tecnologia em Hotelaria*. Dissertação (Mestrado em Educação). – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, (2019).

MORAES, CAP. Recursos digitais na matemática: prática docente na perspectiva de narrativas discentes do ensino fundamental. Tese (Doutorado em Educação). Metodista, São Bernardo do Campos/SP, 2018.

RICOEUR, P. *Teoria da Interpretação: O Discurso e o Excesso de Significação*. Lisboa: Edições 70, 2019.

SANTOS FILHO, JV. dos. *Percepções sobre a justiça restaurativa sob a ótica dos participantes envolvidos: estudo de uma escola da Baixada Santista*. Dissertação (Mestrado em Educação). – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 135 p., 2019. Disponível em <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2049>.

TEIXEIRA, A. *Educação para a democracia: introdução à administração educacional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1936.

TEIXEIRA, A. *A educação e a crise brasileira*. Rio de Janeiro: MEC, 1956.

TEIXEIRA, A. *Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

VILELA, EG. *Surdocegos e os desafios nos processos socioeducativos: os mediadores e a tecnologia assistiva*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 183 p., 2018.